

Dr. Robert A. Peterson, Humanidade e Pecado, Sessão 18, Pecado Original, Calvinismo, Pontos Fortes e Fracos do Pelagianismo, Arminianismo e Calvinismo

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as Doutrinas da Humanidade e do Pecado. Esta é a sessão 18, Pecado Original, Calvinismo, Forças e Fraquezas do Pelagianismo, Arminianismo e Calvinismo.

Continuamos nossas palestras, e me lembrei de uma ilustração usada pelo evangelista, teólogo e abolicionista Charles Finney, cuja teologia não compartilho de muitas maneiras, a respeito dos efeitos do pecado nos seres humanos.

Isso ajuda a situar o arminianismo evangélico. Foi isso que me fez pensar nisso, e até mesmo no melhor catolicismo romano para nós, enquanto pensamos nessas coisas. Finney ministrou no chamado distrito queimado do oeste do estado de Nova York, área de Niagara Falls, e ele mesmo usou essa ilustração de uma pessoa no rio Niágara, indo para as cataratas, em apuros. Porque se ele cair das cataratas, ele está perdido.

Na ilustração, Deus é alguém na terra se oferecendo para ajudá-lo. E Finney distinguiu entre quatro posições. O pelagianismo, por um lado, era uma posição monergística .

Por outro lado, o agostinianismo era uma posição monergística . O monergismo do pelagianismo dizia que o sujeito em apuros na água não estava realmente em apuros; ele poderia simplesmente nadar para fora. Ele tinha a habilidade de se salvar, de se resgatar.

Esse é um monergismo de seres humanos somente. Deus não é necessário. Do outro lado do livro-razão da classificação científica, temos outro monergismo, o agostinianismo.

Neste caso, o sujeito está inconsciente. Não há como ele se ajudar, mas Deus toma a iniciativa, pula, o agarra, o puxa para fora, faz RCP e salva sua vida. Dá a ele, seja lá como você chame isso.

Como você chama isso? De qualquer forma, ele ressuscita o sujeito. Monergismo , monergismo divino, monergismo humano. Monergismo humano, pelagianismo.

Monergismo divino, agostinianismo, e seu neto, calvinismo. Então poderíamos chamar isso de posição agostiniana - calvinista . É chamado assim.

Esta é a posição pelagiana. Como eu disse antes, não é legal chamar seus amigos católicos romanos ou armênios, mesmo pelagianos , de nada legal. O próprio Finney, surpreendentemente para mim, identificou sua própria visão com o semipelagianismo.

A propósito, se você quiser ver essa ilustração apresentada por escrito, Michael Williams e eu somos coautores de um livro chamado *Why I Am Not an Arminian*. Ah, é engraçado, devo dizer, para ser justo. É parte de um volume complementar a *Why I Am Not a Calvinist* , escrito por Jerry Walls e um colega, Joseph Dongell , na época do Asbury Seminary.

Jerry Walls e Joseph Dongell . Walls era um filósofo, Dongell um estudioso do Novo Testamento. Williams e eu éramos teólogos sistemáticos.

Williams com expertise histórica. Minha ênfase era mais exegética. *Por que não sou calvinista*, eles propuseram à InterVarsity primeiro.

A InterVarsity veio ao Covenant Seminary e nos perguntou se escreveríamos um volume complementar, uma resposta. E nós dissemos, claro. E queríamos escrever *Why I Am a Calvinist*.

E eles disseram, não pode ser isso. Tem que ser *Por que eu não sou*. Então, nosso livro foi chamado *Por que eu não sou um arminiano*.

Meus alunos disseram que você escreveu *Why I am a Calvinist* de qualquer forma. Em todo caso, essa ilustração vem daquele livro, e na verdade vem, em última análise, do próprio Finney. O semipelagianismo diz, o cara está em apuros, tudo bem.

E é, Deus está na terra, e Deus é capaz de ajudar. Mas os seres humanos devem tomar a iniciativa. Se ele não clamar a Deus e disser, ei, me salve, ele não será salvo.

Se Deus quiser, mas é necessário que façamos o primeiro movimento. Isso é semipelagiano, não um monergismo , livre, livre-arbítrio humano, livre-arbítrio absoluto. Isso é uma sinergia, Deus e seres humanos trabalhando juntos.

O sujeito em apuros clama, e Deus o resgata. O semi-agostinianismo, da mesma forma, é um sinergismo. Mas, desta vez, diferente do sinergismo humano do semipelagianismo, é um sinergismo divino do semi-agostinianismo.

Neste caso, Deus já chama da praia. E a esse chamado, devemos responder, ou Deus não nos salvará. Você diz, o agostinianismo não diz que temos que responder? Sim, claro que sim.

Mas diz que a graça preveniente e eficaz de Deus capacita nossa resposta e nossa resposta de fé a Deus. Essa coisa toda foi apresentada em Williams no meu livro, *Why I'm Not an Arminian*, para ser justo com nossos irmãos e irmãs arminianos. Porque sua melhor teologia é semi-agostiniana, não pelagiana, e nem mesmo semipelagiana.

Embora alguns dos meus amigos arminianos tenham dito que alguns de seus companheiros são de fato semipelagianos. Mas esse não é o melhor arminianismo, e nosso objetivo naquele livro não era derrotar o pior oponente, se você quiser, podemos chamar os companheiros cristãos de oponentes, mas derrotar o melhor. Além disso, o catolicismo romano condenou o pelagianismo e até mesmo o semipelagianismo, e chegou ao Concílio de Orange e depois a uma posição que é razoavelmente chamada de semiagostiniana.

Não um agostinianismo completo, que Lutero e Calvino recuperaram na época da Reforma, embora os descendentes de Lutero nem sempre o tenham seguido tão precisamente quanto os calvinistas. Visões do pecado original, calvinismo. Essa visão sustenta que Deus imputa à humanidade tanto uma natureza corrompida quanto culpa.

Lembre-se, o Arminianismo disse, bem, o Pelagianismo disse, Deus não imputa nenhum dos dois. Somos todos nosso próprio Adão, se preferir; nascemos sem pecado original. O Arminianismo diz não, não, não, nascemos pecadores.

Isso é corrupto, mas não culpado. O calvinismo, ao contrário, diz que tanto a culpa quanto a corrupção são acumuladas em nossas contas bancárias espirituais antes do nascimento. O calvinismo é, portanto, distinto do pelagianismo, que nega a imputação de corrupção e culpa.

Ela difere do arminianismo, que sustenta a imputação de uma natureza corrompida, mas rejeita a imputação de culpa e culpabilidade ao homem. Os calvinistas concordaram até este ponto. Eles se separam em duas subposições sobre a questão da conexão entre o pecado de Adão e nossa pecaminosidade.

Essas posições são a visão representativa e a visão da liderança natural. Visão representativa. Adão era um representante da raça humana.

Deus planejou que Adão agisse em nome da raça. Estávamos todos em liberdade condicional na pessoa do primeiro homem, nossa cabeça federal. A visão representativa também é chamada de liderança federal.

A visão de liderança natural também é chamada de realismo. Liderança federal, liderança natural. Visão representativa, realismo.

Esses termos ficarão claros à medida que avançarmos. Estávamos todos em liberdade condicional na pessoa do primeiro homem, Adão, nosso chefe federal, e é por isso que essa visão é chamada de chefia federal. Quando Adão pecou, sua culpa e corrupção foram imputadas a todos os seus descendentes.

Cristo aceitou, é claro. Erikson ensina, Miller Erikson na teologia cristã, que a liderança federal é geralmente relacionada à visão criacionista da origem da alma, mas com grande respeito por ele, certamente meu professor por seus escritos, não vejo nenhuma conexão necessária entre ele adotar uma visão particular da origem da alma e uma visão particular de uma das duas posições calvinistas sobre o pecado original. Lewis Berkoff, John Murray e S. Lewis Johnson são defensores dessa visão.

Eles alegam que a visão representativa, a liderança federal, está mais de acordo com o paralelo Adão-Cristo em Romanos 5. Essa visão é ainda dividida em imputação imediata e imediata. Não sei se mencionei por que nós, teólogos, amamos esse tipo de coisa. A resposta é porque é tão complicado, vocês precisam de nós, e isso nos mantém empregados.

Em todo caso, tolices à parte, eu concordaria com a visão representativa. Visão de liderança natural. Essa visão também é às vezes chamada de realismo, e você verá o porquê em um momento, ou liderança realista.

Eu ouço, cito, Erikson, que defende essa visão, cito, essa abordagem está relacionada à visão tradicionalista da origem da alma, segundo a qual recebemos nossas almas por transmissão de nossos pais, assim como recebemos nossas naturezas físicas. Então, estávamos presentes em forma germinal ou semente em nossos ancestrais, em um sentido muito real, daí o realismo, em um sentido muito real, estávamos lá com Adão. Estávamos em sua semente.

Sua ação não foi meramente a de um indivíduo isolado, mas de toda a raça humana. Toda a raça humana estava em Adão em forma de semente dentro dele. Embora não estivéssemos lá individualmente, ainda assim estávamos lá.

A raça humana pecou como um todo. Portanto, ainda estou citando Erikson. Portanto, não há nada injusto ou impróprio em recebermos uma natureza corrompida e culpa de Adão. Lembre-se dessas palavras, pois estamos recebendo os resultados justos do nosso pecado porque estávamos realmente lá nos lombos de Adão.

Esta é a visão de Agostinho, ele diz, Erikson diz. Erikson, Christian Theology, segunda edição, 635, 636. Se você tiver uma edição subsequente, eu nem consigo acompanhá-las. Use o índice para encontrar o lugar certo.

Então, as visões calvinistas do pecado original se dividem em duas, e a primeira se subdivide em mais duas. Há a liderança federal e a liderança realista. Há o representacionismo, há o realismo.

Ambos sustentam que Adão, ambos sustentam a imputação e que Adão é nossa cabeça, mas ele é nossa cabeça federal, nosso representante? Ele é nossa cabeça natural? A propósito, as coisas são complicadas pelo fato de que ele é nossa cabeça natural. Não há dúvida de que viemos de Adão. A questão é: essa é a melhor maneira de explicar o pecado original? Observe que Erikson disse que não é injusto ou impróprio.

A grande crítica contra o representacionismo, contra a liderança federal, é: Adão me fez fazer isso; é injusto. Como podemos ser condenados pelo pecado de um homem? Avaliação das visões do pecado original. As mesmas visões, embora quando chegarmos ao Calvinismo, trabalharemos com outro subconjunto.

Pelagianismo, pontos fortes. Estou chegando aqui. É verdade que Adão foi um mau exemplo para o resto da raça humana.

Também é verdade que o pelagianismo é monergístico . Não há nem mesmo necessidade de Deus ou graça. Fraquezas.

Paulo diz cinco vezes em Romanos 5:12 a 19, que o único pecado de Adão foi a causa de toda a morte. Você realmente espera que eu acredite que é meramente por causa do seu mau exemplo? Eu não acredito. Versículo 15, muitos morreram pela transgressão ou transgressão de um homem.

Versículo 16, o julgamento seguiu um pecado e trouxe condenação. Versículo 17, pela transgressão de um homem, a morte reinou. 18, o resultado de uma transgressão foi condenação para todos os homens.

E 19, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores. Adão foi um mau exemplo, sim. Eva também.

Mas essa não é uma visão do pecado original. S. Lewis Johnson, naquele artigo que mencionei antes, Romanos 5:12 a 19, um caso de teste em exegese e teologia, algo assim, em um livro chamado New Studies in New Testament Theology, editado por Merrill Tenney e Longenecker e Tenney. S. Lewis Johnson argumenta efetivamente que o sentido do versículo 14 é contra essa visão.

Ali, é declarado que certas pessoas, parte de todos os que pecaram e aqueles que sofreram a morte como penalidade pelo pecado, não cometeram pecado semelhante ao de Adão. Isso são transgressões individuais e conscientes. Eles devem então ter morrido por causa do pecado de Adão.

E isso é impossível no Pelagianismo para que haja outro modus, outra maneira de pecar, porque seguimos seu exemplo. E Paulo diz que a morte reinou de Adão a Moisés, mesmo sobre aqueles cujo pecado não foi como a transgressão de Adão. Isso também significa a morte do realismo, a propósito, porque se estamos realmente em seus lombos, então como ele pode pecar diferentemente de nós? Mas isso apenas mata o Pelagianismo, porque diz que algumas pessoas não pecaram da mesma forma que ele.

Bem, estamos seguindo seu mau exemplo se Pelágio estiver certo. Johnson está certo. Seja lá o que 13 e 14 signifiquem em detalhes, eles não pecaram da mesma forma que ele. Portanto, eles devem ter morrido por causa do pecado dele.

E cinco vezes, vimos que é exatamente isso que Paulo diz naquela passagem. Concluo que, embora Adão tenha sido um mau exemplo, o pelagianismo falha como teoria para explicar o pecado original. O arminianismo, pontos fortes.

O arminianismo está correto quando postula que, citação, desde a queda de Adão, a corrupção do pecado permeou cada pessoa daquela afirmação de Janeluska. A visão arminiana também está correta quando sustenta que o resultado dessa corrupção é que os pecadores são incapazes de dar uma resposta positiva a Deus para salvação.

Infelizmente, como o melhor arminiano se desenrola, essa é uma posição hipotética. Essa é uma condição hipotética porque nenhum ser humano é realmente incapaz. Ah, eles nascem tecnicamente incapazes, hipoteticamente, mas são imediatamente atingidos pela graça preveniente universal.

Dado isso, eles imediatamente recebem graça universal, preveniente, que os capacita a crer. Então, na verdade, nenhum ser humano é incapaz. Fraquezas.

O arminianismo está correto no que afirma. No entanto, não afirma o suficiente. Ao reler a afirmação de Janeluska e o comentário de Mickey sobre ela, notei que não há explicação sobre a maneira como o pecado de Adão afetou sua posteridade.

Apenas, o fato desse efeito foi afirmado. Mickey diz, citação, Adão e Eva foram o protótipo da humanidade, e sua ação tem sido determinante para cada pessoa desde então. Página 82 daquele livro Zondervan.

Minha pergunta é: como o pecado do primeiro homem e da primeira mulher foi determinante para a raça humana? Alguém poderia ler o pelagianismo, qualquer

uma das posições calvinistas ou outras visões nessa declaração. Arminiano poderia responder alegando dizer, para permanecer precisamente dentro dos limites das escrituras e acusar outros, por exemplo, calvinistas, de ir além da palavra em sua teologização. No entanto, vimos como os dados bíblicos em Romanos 5 descartam a visão pelagiana do pecado original.

Portanto, mais definição de pecado original é necessária do que aquela dada na posição arminiana defendida por Paul Mickey e outros arminianos evangélicos piedosos. Eu também discordo da concepção arminiana de graça preveniente, que anula os efeitos do pecado de Adão sobre a raça humana. Em que se baseia minha exceção? Na falta de base bíblica para isso.

Minha própria posição é que precisamos investigar cada artigo da nossa fé, tudo o que acreditamos, com base nas escrituras sagradas. E não apenas deduzir certos princípios de outros princípios que até mesmo demonstramos das escrituras. Claro, nossa teologia deve ser coerente, mas também tem que ser fundamentada exegeticamente. Qual é a maneira científica de dizer isso? Devem ser dados exegeticos, juntamente com coerência lógica, para que a teologia e um sistema teológico sejam sólidos.

Portanto, no final do dia, meu sistema não está completo. E algumas coisas são ensinadas mais claramente nas escrituras do que outras. E estou hesitante em construir uma superestrutura gigantesca, mesmo com fundamentos bíblicos baseados em filosofia ou razão humana ou o que quer que seja, onde a Bíblia não diz, sim, a Bíblia ensina sobre a graça.

Sim, ensina sobre a graça. Sim, ensina que a graça salva. Sim, ensina que a graça precede a salvação.

É preveniente. Mas não ensina que capacita os seres humanos a crer. Essa é uma suposição da teologia wesleyana.

Em vez disso, a graça preveniente nas escrituras é eficaz e, portanto, particular. Calvinismo, liderança natural, forças, liderança natural ou realismo sustentam corretamente que a morte de todos está fundamentada no pecado de Adão. Também ensina corretamente que Adão é a cabeça natural da raça humana.

Não estou questionando a liderança natural de Adão. Estou questionando se essa é a maneira de explicar o pecado original. Fraquezas, embora o realismo alegue lidar melhor com o problema da culpa alienígena do que a visão representativa.

Esse é o grande problema com a visão representativa ou a liderança federal — culpa alienígena. Espere um minuto.

Você está me dizendo que a culpa, o pecado de Adão no Jardim do Éden, significa a condenação da raça humana? Sim. Isso é inacreditável. Isso é injusto.

Isso é culpa alienígena. E, na verdade, é isso que é. Não quero, sim, quero, sim, pré-julgar minhas conclusões.

Mas na passagem de Romanos 5, parece-me que você tem culpa alienígena porque você tem algo alienígena. E isso é chamado de justiça alienígena. E mesmo que a justiça de Cristo seja de Cristo, não nossa justiça, é uma justiça alienígena fora de nós, como Lutero disse, não produzida por nós, mesmo que isso seja contabilizado em nossa conta bancária espiritual e nos torne aceitáveis a Deus.

Então é paralelo na maneira como a passagem funciona que a culpa alienígena foi imputada, computada e contabilizada em nossa conta bancária espiritual. Similarmente, da mesma forma, embora o realismo alegue lidar melhor com o problema da culpa alienígena do que a visão representativa, ele não parece estar à altura de sua alegação. Johnson diz isso.

Bem, eu continuo dependendo deste lindo artigo do lindo ensaio de S. Lewis Johnson naquele livro, *New Studies in Biblical Theology*. Esse não é o título certo. Vou acertar.

Johnson diz, citação, mesmo que devêssemos conceder que a humanidade genérica pecou em Adão. Humanidade em seus lombos, em sua semente, se preferir. Então, ele é nossa cabeça natural.

E mais uma vez, eu digo. Ele é nossa cabeça natural. Mas o realismo, no que diz respeito a uma explicação do pecado original, está dizendo mais.

Está dizendo que sua liderança natural é a chave para entender a imputação de seu pecado à humanidade; mesmo se admitíssemos que a humanidade genérica pecou em Adão, não teríamos alívio do problema de uma culpa alienígena. Se a punição deve ser justificada, o ato de pecado deve ser de autodeterminação consciente e criminalidade pessoal, se preferir. No entanto, de acordo com o realismo, quando Adão pecou, sua posteridade como indivíduo e pessoa nem sequer existia.

O ato de seu pecado antecedeu sua personalidade. Não consigo ver como isso alivia o problema da justiça nem um pouco. Como podemos agir antes de sermos? É realmente justo para nós sermos sementes nos lombos de Adão? E isso estabelece nossa culpa, nosso pecado, nossa corrupção.

Johnson aponta para, entre aspas, implicações intoleráveis, que, entre aspas, surgem do realismo e sobrecarregam a teoria. Página 310 de seu ensaio. Por que os descendentes de Adão são responsáveis apenas por seu primeiro pecado e não por

seus pecados posteriores? Por que o pecado de Adão é contado contra a raça humana e não o de Eva? Vou lhe dizer o porquê.

Ele era nosso representante, e seu primeiro pecado é o que nos é imputado. Eva não era nossa representante, e seus outros pecados não são imputados. Bastou um.

O pecado original, justamente assim chamado. O realismo argumenta a favor do que Romanos 5, o *textus classicus* para o pecado original, nunca diz. Que o pecado e a culpa são o resultado do ato de todos os homens.

Repetidamente, a passagem relaciona o pecado de um homem ao nosso pecado e culpa. Ela nunca relaciona o pecado e a culpa da raça humana aos atos de todos os homens. “O realismo poderia dizer isso, escreveu Johnson, mas Paulo nunca diz, e o silêncio é quase ensurdecador” página 310.

Sim, ele é um pouco dramático, mas tudo bem. Um realista objetará que aqueles que sustentam a visão representativa estão usando o argumento do silêncio.

Os defensores da liderança federal contra-atacam dizendo que o principal elemento na construção doutrinária realista está simplesmente ausente da passagem. Certamente, tal omissão é importante. Como alguém pode basear sua visão em algo que a passagem não diz? A representação acusa o realismo de assumir sua conclusão, de implorar a questão.

Ou seja, o que a passagem não diz é que o pecado e a culpa da raça humana é o ato de todos os homens. Ela continua dizendo que é o ato de um homem, Adão. Além disso, a última cláusula em Romanos 5.14 parece contradizer o realismo.

A cláusula afirma que a morte reinou, entre aspas, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, entre aspas. O realismo sustenta que todas as pessoas, entre aspas, sem exceção, pecaram como Adão, pois pecaram racialmente nele. Todos quebraram um comando definido e positivo.

O mesmo que Adão quebrou. Assim, o realismo não tem lugar para um *modus* diferente, uma maneira diferente de pecar. Se estávamos em seus lombos quando ele falou a proibição, nós também estávamos, certo? Romanos, essa cláusula, mesmo sobre aqueles a morte reinou que não pecaram como ele, como isso poderia ser verdade? Se ele realmente era nossa cabeça em termos de pecado original.

Johnson argumenta corretamente, eu acho, que o realismo tem problemas com o paralelo Adão-Cristo em Romanos 5, citação, assim como as pessoas são justificadas por uma justiça que não é pessoalmente sua, então elas foram condenadas por um pecado que não era pessoalmente seu. Claro, deve ser reconhecido que esta analogia não é perfeita, mas parece essencial para o ponto de Paulo sustentar que a

natureza da união entre os dois princípios e seu povo é paralela. A natureza da união entre Adão e seu povo, a natureza da união entre Cristo e seu povo, não é isso que 5:14 nos prepara quando diz que Adão era um tipo de Cristo? E o que 18 e 19 dizem explicitamente, mesmo repetindo, 19 repetindo 18, e que o gráfico confirma, é exatamente isso que diz? Todos os detalhes são, é claro, não os mesmos, e é isso que 15, 16 e 17 em Romanos 5 mostrou, mas a natureza da união entre os dois Adãos e seu povo é exatamente a mesma.

É uma união representacional. Imputação mediata — um breve resumo.

As visões calvinistas de imputação mediata e imediata são semelhantes em manter a união representativa entre Adão e sua posteridade e a imputação do pecado de Adão à raça. Joshua Placaeus, placaeus, Joshua Placaeus, um professor da escola teológica em Salmore, na França, é o criador da visão de imputação mediata. Eu poderia dizer que a escola era famosa por uma série de desvios do calvinismo que os calvinistas ortodoxos não gostavam, incluindo a expiação ilimitada.

Anteriormente, todos os estudiosos reformados ortodoxos ensinavam que o pecado de Adão era a base para a condenação da humanidade e que a corrupção da natureza humana era um resultado do pecado de Adão. A culpa é imputada à raça humana. Somos culpados, e por essa culpa, quando nascemos, pecamos, e somos condenados.

A corrupção segue logicamente a culpa. O pecado de Adão foi a base para a corrupção, e essa corrupção foi um resultado do pecado de Adão. Placeus inverteu a ordem.

Ele fez da natureza humana corrupta a base da condenação e fez da culpa do pecado de Adão dependente da participação na natureza corrupta. O que ele está tentando fazer? Afastar-se da culpa alienígena. É a motivação de todas essas outras visões.

Pode ajudar a expor as diferenças entre os dois, portanto. De acordo com a imputação imediata, a visão padrão até este momento, número um, o pecado de Adão é imputado à humanidade, resultando em condenação para a raça. Como resultado, os seres humanos nascem com uma natureza corrupta.

De acordo com a imputação imediata e a opinião de Placeus sobre isso, tentando tornar o Calvinismo mais palatável, como resultado do pecado de Adão, os seres humanos nascem com uma natureza corrupta. Essa natureza corrupta é a base para a condenação de cada pessoa. Já que cada pessoa tem uma natureza corrupta de Adão, cada uma é culpada do pecado de Adão.

Fraquezas. A imputação imediata leva todo pecado, em Romanos 5:12, a significar ser ou se tornar corrupto. Isso parece ser uma impossibilidade.

B. em Romanos 5, Paulo ensina repetidamente que Adão e sua posteridade morrem pelo único pecado de Adão. “A morte, a condenação e o status do pecador estão todos relacionados ao único pecado do único homem. Não há intermediário de nenhum tipo.” Johnson, página 311. Eu disse que estou confiando em Johnson. É maravilhoso.

Seu exercício em exegese e teologia é lindo. A propósito, ele introduz isso dizendo que a teologia está se tornando cada vez mais divorciada da exegese, e isso é uma coisa muito ruim. Ele induz algumas teologias sistemáticas liberais.

Tillich, por exemplo, diz que é tão estranho comparado ao uso da Bíblia pela teologia tradicional quanto a arte posterior de Picasso, o cubismo, e assim por diante, é para a arte representativa regular da tradição na qual ele nasceu, e que ele era muito bom em fazer. É bizarro. Tillich dificilmente cita a Bíblia, e quando o faz, nossa, é um tratado filosófico, sua teologia sistemática.

E assim, S. Louis Johnson diz, S. Louis Johnson ensinou o Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas para sempre. Então ele se aposentou, por assim dizer, e foi para a Trinity Divinity School e ensinou teologia, teologia exegética, na qual ele era muito bom. Seu exercício em exegese e teologia vê como um antídoto para muitas visões de teologias sistemáticas sobre o pecado original, que podem mencionar Romanos 5, mas acho que ele não encontrou nenhuma delas que fizesse uma exegese disso.

Uma exegese teológica. O dia de Warfield já passou há muito tempo. Para ir fazer, para ser um professor de teologia sistemática em uma universidade, ou se forma em filosofia, como John Feinberg da Trinity fez, ou geralmente, todo o resto, a maioria de nós faz. Não é certo dizer isso, e alguns fazem filosofia.

Nós fazemos teologia histórica. Você não faz teologia exegética, e conseqüentemente, teólogos sistemáticos são às vezes filosóficos, teólogos sistemáticos, ou, não estou dizendo que isso não ajuda, ou teólogos sistemáticos históricos, e há coisas boas aí também, mas precisamos de teólogos sistemáticos exegéticos. Agora, DA Carson provavelmente está certo.

Trinta anos atrás, ele escreveu um ensaio, entre outras coisas que ele disse, a unidade da Bíblia e a possibilidade da teologia sistemática em um livro chamado Scripture and Truth, um desses volumes Ibrí, o Council on Biblical Inerrancy, não Ibrí, o Council on Biblical Inerrancy, eu confundi minhas organizações, desculpe. O International Council on Biblical Inerrancy. Ele argumentou que a unidade das escrituras é um pressuposto para a sistemática tradicional, e o tremendo ataque da crítica bíblica, especialmente no Antigo Testamento e agora no Novo, tornou a teologia sistemática uma impossibilidade impossível nas universidades.

Há muita verdade nisso, e o ensaio de S. Louis Johnson é muito útil. Obviamente, acho que é esse o caso. A imputação mediana tem dificuldade com Romanos 5:13 e 14.

Há o pecado de Adão, que é a causa da morte, mesmo para aqueles que não pecaram como Adão. É o pecado do primeiro homem que é a causa do reinado da morte de Adão até Moisés. Johnson argumenta corretamente, entre aspas, a teoria da imputação mediata; a propósito, o que é mediato e o que é imediato? A resposta é a imputação da culpa de Adão.

Na imputação imediata, a culpa de Adão é imediatamente imputada, e a corrupção é mediamente imputada. Ela vem disso. Na imputação mediata, a corrupção de Adão é imediatamente imputada, e a culpa é mediamente imputada.

Então, para mantê-los retos, imediatos e imputação mediata, o aspecto que é imediatamente ou mediamente imputado, ah, é a culpa de Adão. Johnson argumenta corretamente que a teoria da imputação mediata com o paralelo é inconsistente com o paralelismo entre Adão e Cristo, assim como não somos justificados pela retidão inerente, mas pela retidão alienígena. Então, não somos condenados pela corrupção inerente, mas pela corrupção alienígena, culpa alienígena.

O quinto argumento contra a fraqueza da imputação mediata. A imputação mediata foi concebida como uma tentativa de suavizar o calvinismo, neste caso, resolvendo o problema de Deus atribuir culpa àqueles que não pecaram pessoalmente. Este é o problema da culpa alheia.

Como no caso do realismo, essa teoria também falha em atingir o objetivo. Johnson argumenta apropriadamente, entre aspas, se a depravação inerente é uma punição, e é quase impossível argumentar o contrário, por que Deus imputa corrupção, depravação e poluição? Por causa do pecado de Adão. É uma punição pelo pecado de Adão.

Então a culpa deve ter precedido isso. Entendeu? Se a depravação inerente é uma punição, e é, então a culpa deve ter precedido isso. O que, então, poderia ser a culpa além da culpa do primeiro pecado de Adão? Na verdade, a imputação mediata suprime; não estou acusando os motivos de ninguém aqui, e não estou difamando os motivos de ninguém; ela tem uma punição oculta, oculta.

Entre parênteses. Culpa. Somos culpados em Adão. Portanto, somos corruptos, e portanto pecamos, e somos culpados.

Caso contrário, você tem corrupção inerente sem culpa? Qual é a causa disso? Deus é injusto? De fato, como o Consenso Helvético disse, a fórmula Consenso Helvético 1675, e Toreton , seu principal propulsor, alegaram que a doutrina de Placeus , na realidade, acabou com a imputação do pecado de Adão inteiramente, pois é realmente a corrupção que nos torna passíveis de ira. Em nossa próxima palestra, trataremos da imputação imediata com seus pontos fortes e objeções e passaremos para as implicações sistemáticas e pastorais da doutrina do pecado original.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as Doutrinas da Humanidade e do Pecado. Esta é a sessão 18, Pecado Original, Calvinismo, Pontos Fortes e Fracos do Pelagianismo, Arminianismo e Calvinismo.